"Já não vos chamo servos... vos chamo amigos"

Uma proposta de leitura missiológica de João 15,1-17

INTRODUÇÃO

Final de um milênio... Quinhentos anos de conquista e evangelização da América Latina e Caribe... São referências fundamentais para refletir a proposta missionária de nossas Igrejas cristãs; o que se fez e o que se faz... Das certezas absolutas da evangelização do passado caminhamos para as dúvidas missiológicas do presente perguntando: "Como agir através de uma pastoral fundada num diálogo a serviço de uma transformação que realize e promova a pessoa humana, sem fazer com que essa própria ação se transforme num instrumento de destruição de símbolos, dos significados da vida, da cultura do outro, na sua experiência de vida, na sua afirmação de fé?"[1]

Nesse artigo o que proponho não são respostas. São pistas que surgem a partir de uma leitura mais minuciosa do Evangelho de João – especificamente João 15,1-17.

Parece-me valioso para o presente resgatar o modelo do "logos que se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). Encarnar e habitar. Dois caminhos que indicam um só; sem eles é impossível uma resposta para a pergunta inicial.

Outros detalhes vamos ver na seqüência deste estudo, cuja intenção é invocar o modelo do Jesus histórico para iluminar o caminho da ação missionária de nossas comunidades.

Proponho um leitura a partir do contexto cultural e socioeconômico das comunidades joaninas. Procuro recuperar a compreensão das palavras que no grego (sendo uma língua de caráter sintético) têm muitos significados; enquanto

1. Essa é uma pergunta que faz Carlos Rodriguez Brandão no artigo: Impor, persuadir, convidar, dialogar: a cultura do outro. Em: *Inculturação e libertação.*

que as línguas herdeiras do latim (português, espanhol e outras) são analíticas e precisam de outras tantas para expressarem a mesma idéia. E ainda nesse caso, as línguas latinas carregam todo o peso da cultura ocidental, que, na maioria dos casos, esvazia os significados das outras culturas.

A leitura de João 15,1-17 a partir de uma inquietude missionária – a partir da realidade cultural do "outro" – oferece pistas para avaliar o passado e ter esperança no presente e no futuro histórico.

1. O EVANGELHO DE JOÃO

A primeira coisa que se percebe no Evangelho de João é sua marcada diferença em relação aos evangelhos sinóticos. Muitas perícopes importantes presentes nesse evangelho não encontram paralelos nos outros[2]. Ainda que se suponha o conhecimento prévio da tradição de pelo menos um dos evangelhos.

Parábolas e breves ditos que anunciam o Reino contrastam com os discursos que apresentam Jesus como o enviado do Pai.

Jesus é o Verbo encarnado... É o modelo de pessoa humana gerador de novos sentimentos, novas convivências, novo modelo de sociedade e gerador da nova mulher e do novo homem.

João não procura descrever variados acontecimentos sociais – presentes nos sinóticos – sua atenção está centrada no autotestemunho de Jesus para a humanidade.

Constantemente Jesus apresenta-se no 4º Evangelho como o "ego/eimi", eu sou![3] Ora, o "ego eimi" é o testemunho de Jesus feito pelas comunidades chamadas joaninas.

Testemunho das comunidades que tinham um núcleo gerador de sentido: a ágape[4]. A ágape é o sentimento que revela Jesus no rosto do outro[5] e cria um estilo de vida cujo critério é a solidariedade.

1.1. Contexto

O 4º Evangelho é o evangelho das comunidades. Comunidades oriundas de contextos culturais diversificados: judeus, gregos, samaritanos... que de certa forma demonstram uma convivência pacífica entre culturas diferentes[6]. O testemunho de Jesus permite a convivência com as diferenças – a identidade do outro aparece como elemento positivo, como no caso das comunidades dos

2. Cf. p. ex.: Jo 1,1-14; 2,1-12; 4,1-12; 7,1-10; 9; 11.

3. No Antigo Testamento Javé se apresenta também como "eu sou", cf. p. ex.: Ex 3,14; Is 43,10.

4. No grego existem diferentes palavras para verbalizar diferentes tipos de amor. Daí que *éros* é "amizade hedônica ou de prazer, em que coloco o outro como meio para os meus gozos. *Filia* é por sua vez considerado o amor de iguais. Para os gregos e romanos só podia haver amor entre 'iguais'" (cf. DUSSEL, Enrique. *Ética comunitária*, p. 20). Convencionalmente a ágape foi traduzida por "amor". Seu sentido mais amplo vamos ver mais adiante.

5. Quando me refiro ao "outro" quero dizer sujeitos coletivos específicos tais como: os indígenas, os negros, as mulheres, as crianças. No Evangelho de João aparecem, entre outros, os seguintes sujeitos coletivos: mulheres, samaritanos, não-judeus, escravos.

6. A convivência pacífica não elimina conflitos, problemas internos, mas desafia a prática da ágape.

samaritanos (Jo 4,39-40). Jesus descobre no outro o que há de bom, de positivo, de bonito. Demonstra que o diferente pode evangelizar (4,28). O outro é um interlocutor válido que pode e deve ser ouvido[7]. A relação com o outro é de amizade incondicional: "Ninguém tem maior amor do que quem dá sua vida pelos amigos" (15,13).

Muitos dos ditos joaninos "eu sou" insinuam comunidades presentes em contextos pastoris, rurais e urbanos que trazem consigo seu modo de ser e sua cultura material (relação pessoa-trabalho-terra-pão), seu modo de produzir a vida humana, de autoproduzi-la, de criá-la[8]. "Quando nos detemos particularmente no ensino de Jesus, podemos constatar que o mundo do trabalho é uma fonte permanente de referência para dar a conhecer a revelação de Deus"[9].

O 4º Evangelho revela também a realidade de comunidades que detinham o poder e não aceitavam a novidade das comunidades de Jesus[10]. Estas comunidades tinham como base fundamental a prática da ágape – essência da comunidade como modelo real e histórico[11].

Contra esse pecado organizado a partir dos poderosos que tentavam impedir a vida em comunidade, Jesus foi categórico: "Vós tendes como pai o diabo e quereis fazer os desejos do vosso pai. Desde o princípio ele foi homicida" (8,44). "Está na hora do julgamento deste mundo. Está na hora de ser jogado fora o príncipe deste mundo" (12,31).

1.2. Autoria, lugar e data

O nome "João" aparece só no título do 4º Evangelho. Várias vezes aparece a expressão "discípulo amado"[12] que revela exclusivamente sua função: testemunhar o logos encarnado. Isso convencionou durante muito tempo que a autoria desse evangelho fosse atribuída a João, o apóstolo. Atualmente, as novas pesquisas bíblicas crêem numa produção coletiva – comunidades do discípulo amado – onde colaboraram vários grupos de pessoas com experiências de fé peculiares na produção do 4º Evangelho.

A fundamentação para essa novidade está no próprio evangelho, que utiliza permanentemente o plural, como: "Habitou entre nós e vimos sua glória" (1,4). "De sua plenitude todos nós recebemos graça por graça... a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo" (1,16-17). "Nós sabemos que o seu testemunho é verdadeiro" (21,24).

Provavelmente sua elaboração final se deu pelo ano de 100 dC. Como memória coletiva não ficou pronta de uma só vez ou num só lugar. Falas, idéias, costumes, testemunhos foram sendo alinhavados na Palestina, Judéia, Samaria; fala-se de participação das comunidades da Ásia Menor.

7. Cf. p. ex.: Jo 4; 7,35; 12,20.

8. Cf. DUSSEL, *op. cit.* p. 218, e no Evangelho de João 6,35.41.48.51; 10,11.14; 15,1s.

9. SANTA ANA, Júlio de. *O amor e as paixões*, p. 148.

10. Os conflitos com os judeus (ex.: Jo 5,11-18; 7,1-19.25; 8,59; 10,31; 10,39–11,8); com a visão grega do mundo (Jo 1,14); com o Império Romano (principalmente no relato da Paixão).

11. COMBLIN, J. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 22, e no Evangelho de João 13,34-35; 15,12.

12. Jo 13,23; 19,26; 21,20.

1.3. A missão das comunidades joaninas

O perfil de Jesus traçado no 4º Evangelho revela o Jesus missionário concebido pelas comunidades do discípulo amado.

Jesus vem do Pai e por ele foi enviado (cf. 5,23-37s; 6,38-39s; 7,28; 17,3.18.21.25). Jesus é o que sai de si mesmo, de sua plenitude, para habitar na comunidade humana (Jo 1,1-14). Ele vem ao encontro do outro. Ele está a serviço do Pai e a serviço dos outros. Busca o outro no seu cotidiano e fala da vontade do Pai a partir do convívio, da intimidade, do conhecer a realidde concreta. O desejo do Pai é de liberdade e de vida em abundância (cf. 8,36 e 10,10).

O Enviado do Pai revela-se a partir dos contextos históricos e das culturas das comunidades. O Enviado do Pai não é só testemunho pessoal: Jesus e a comunidade são uma mesma coisa (cf. 17,18; 15,27; 14,12; 15,26). A comunidade é também a enviada: "como o Pai me enviou assim eu vos envio" (20,21).

Qual é o desafio missionário de Jesus para essas comunidades?

A comunidade missionária deve "se libertar de si mesma para escutar, para receber e viver na espera de uma verdade que se manifesta a partir de fora". A comunidade deve descobrir no outro o Cristo – o "eu sou" – que germina na linguagem, nos gestos, no modo de ser do diferente. Deve conhecer, deve encarnar para dialogar, para estar solidária.

Jesus é o mediador entre o Pai que o envia e as comunidades humanas para as quais ele é o enviado (cf. 17,17s). Ele não foi enviado para condenar, mas para trazer a Boa Notícia que fortalece e restabelece, que faz do outro amigo (15,15). Isso implica em testemunho que, em outras palavras, significa atos concretos de solidariedade que precisam ser reinventados em cada novo contexto histórico (14,12).

2. João 15,1-17 – A VERDADEIRA VIDEIRA

A verdadeira videira é uma das possibilidades do 4º Evangelho de entender a proposta missionária do Enviado do Pai.

Para compreender as afirmações que farei daqui para frente é preciso acercar-se do texto sagrado – Jo 15,1-17 – com a seguinte disposição: 1) Despir-se de preconceitos e de vícios que reduzem o texto a uma única compreensão; 2) Fazer uma primeira leitura do texto destacando as expressões que mais se repetem.

Agora sim, podemos caminhar juntos, provando de uma leitura com outros significados que podem servir na nossa prática missionária.

2.1. Os ditos "eu sou"

Os ditos "eu sou" são uma terminologia peculiar que introduzem os discursos joaninos[13]. Geralmente encerram dois componentes: a fórmula "ego eimi" – eu sou – e uma figura determinativa: "pão da vida", "bom pastor", "luz do mundo", "verdadeira videira".

13. Cf. p. ex.: Jo 6,35-48; 8,12; 10,7; 11,25; 14,6.

Através dessas figuras Jesus testemunha de si mesmo, não com metáforas ou comparações, mas com imagens concretas que promovem a vida: água e pão que sacia a sede e mata a fome, o pastor que orienta e protege, a videira de cujo fruto se dá a bebida que traz a alegria da festa, do que transcende o cotidiano.

Essas imagens comunicam uma mensagem culturalmente enraizada. São selecionadas para serem compreendidas. Não visam a fazer expandir uma ortodoxia e sim suscitar a fé, o conhecimento de Jesus Cristo.

Por outro lado, o "ego eimi" é o testemunho coletivo do verbo encarnado. Como o Pai e Jesus formam uma só pessoa, assim também ocorre com Jesus e as comunidades (15,1-2). A essência da vida cristã é a comunidade, o estar junto com os outros; e também é a essência do Reino: "estar junto a Deus", face a face com ele em comunidade[14].

O "ego eimi" ressoa no coração do outro com a simplicidade inerente do que fala a partir de dentro, do que conhece, do que convive, do que encarna, do que é capaz de pensar a cultura do outro através dos termos em que ela se pensa a si própria[15], estando em solidariedade e cumplicidade com ele.

O "ego eimi" é um convite para seguir o novo modelo de pessoa – Jesus! – para abrir o caminho do Reino.

O "ego eimi" encarna e habita na comunidade e exige um testemunho permanente.

2.2. A videira

A videira evoca o contexto do mundo rural. É uma figura familiar de fácil compreensão para várias comunidades joaninas, oriundas do contexto camponês, compostas por trabalhadores/as que lidavam com a viticultura.

A familiaridade da linguagem acerca da videira (termos tais como: poda, ramos que produzem [ou não] frutos, recolher e queimar ramos secos...) revela o perfil de uma comunidade que conhece esse modo de produção e suas implicações; ou seja, conhece o hábito do produtor (técnica, arte) para fazer produzir a videira; e conhece o fruto do trabalho.

A viticultura era um trabalho comum no mundo oriental. Povoados inteiros dedicavam-se ao cultivo de vinhas e à produção do vinho – alimento essencial no dia-a-dia, nas principais refeições, nas viagens e fundamental nas festas. Aliás, a vindima era uma ocasião de festas. As famílias que participavam da colheita e da preparação do vinho passavam várias semanas acampadas em barracas no meio das videiras. Havia música, dança, nesse ínterim (cf. Lv 23,42-43; Jz 21,19-23)[16].

Israel foi muitas vezes comparado no Antigo Testamento a uma vinha (cf. Sl 80,9s; Jr 2,21; Ez 15,1s; Os 10,1). Quase sempre essa comparação estava relacionada com a aliança entre Javé e Israel.

14. DUSSEL, *op. cit.*, p. 17.

15. BRANDÃO, *op. cit.*, p. 13.

16. A Festa das Tendas é a festa da colheita dos frutos e da preparação do vinho, é uma festa de alegria (cf. Dt 16,13-15).

2.3. A aliança

Em torno da videira as comunidades joaninas (de viticultores) reconstroem a aliança, como uma exigência e uma dádiva de quem segue a Jesus.

A insistência no discurso – Jo 15,1-17 – com o verbo "permanecer" invoca um ambiente de aliança – de nova aliança[17]. Onze vezes aparece o verbo "permanecer" (v. 4.5.6.7.9.10.16). O "permanecer" é uma seqüência de promessas e exigências de fidelidade recíproca.

No Antigo Testamento a noção de aliança (*berit*) tem como essência fundamental a solidariedade incondicional. Javé é o que dá o primeiro passo. Javé propõe a aliança porque se apaixona por Israel. Com esse povo faz a aliança quando esse responde e corresponde ao seu amor. A aliança é a reconstituição da comunidade negada pelo pecado; é o anúncio do novo entre o pequeno "resto", o pequeno grupo[18].

A base que fundamenta a aliança entre Javé e Israel é a *hesed*[19]. A *hesed* estava baseada na solidariedade e na igualdade do povo e na fidelidade de Javé – essencial para a reconstituição da comunidade, do povo. A comunidade deve permanecer na sua promessa, na sua palavra fiel.

A verdadeira videira – Jo 15,1-17 – faz uma releitura da *berit* e da *hesed*. Aplica-lhes a nova proposta anunciada por Jesus; o novo povo de Javé são todos os que permanecem em Jesus. São as comunidades que crescem lentamente, através da convivência cotidiana, simples, paciente, fiel. Permanecer em Jesus implica em fidelidade ao modelo do Jesus histórico, cuja exigência principal é de viver a *hesed*: a solidariedade e a igualdade.

O "ego eimi", com a figura da videira, revela Javé – o Pai – que se dispõe a recomeçar uma caminhada de libertação a partir do novo modelo de pessoa – o Filho – Jesus Cristo, e das novas comunidades dos que o seguem.

2.4. A ágape como critério

O próximo passo que dá a perícope é o de ensinar os critérios da Nova Aliança que organiza o coletivo do "ego eimi" – o novo povo de Javé.

"Assim como o Pai me amou
também eu vos amei.
Permanecei no meu amor" (v. 9)

e

"Este é o meu mandamento:
amai-vos uns aos outros
como eu vos amei" (v. 12 e 17).

Que amor é esse no qual se deve permanecer e que se deve praticar?

17. "Permanecer" aparece no 4º Evangelho com o mesmo sentido da perícope 15,1-17 em outras partes, tais como: Jo 6,56; 8,31; 14,10; 21,22.

18. DUSSEL, *op. cit.*, p. 53.

19. *Hesed* significa as boas relações entre as pessoas. Abrange além do "querer bem", do "fazer bem". Está baseada na solidariedade da raça, do sangue, do compromisso entre as pessoas.

Para entender as formas amor/amar empregadas no 4º Evangelho temos que ir ao grego e resgatar seu significado. O que se encontra é uma palavra feminina: a *agápe / agapân*[20].

Só entre os versículos 9 a 17 aparecem nove vezes!

A primeira novidade, portanto, está no significado da ágape: é uma palavra que exprime um sentimento coletivo que move uma ação de solidariedade. Uma solidariedade que sai das entranhas e implica numa dinâmica de relações humanas, capaz de gerar uma nova sociedade livre das amarras da opressão ou de preservar uma sociedade cuja base fundamental é a reciprocidade e a solidariedade. "Amai-vos uns aos outros" exprime o sentido de que ninguém pode sentir ou praticar a ágape sozinho, porque ela é uma disposição coletiva de sentir e atuar.

A ágape tem várias dimensões: pode existir entre os membros de uma família, entre os membros de um clã, de uma tribo, de um povo e entre grupos também.

Distante do nosso conceito de amor ocidental – onde ele é um sentimento subjetivo, abstrato e depende da disposição do sujeito – a ágape é sentida e vivida em situações concretas de relacionamento social. Vai além da disposição do sujeito, porque é uma obrigação no grupo e entre grupos e implica em atitudes concretas no relacionamento social. Vai além da disposição do sujeito, porque é uma obrigação no grupo e entre grupos e implica em atitudes concretas de *agapân*.

Finalmente, a ágape não se reduz a um ativismo ou um puro sentimento de compaixão. Muito menos pode existir quando contaminada pelo vírus do paternalismo. O paternalismo destrói a ágape. A atitude paternalista vem sempre acompanhada de um complexo de superioridade que nega e coisifica o outro, que aniquila a possibilidade de sentir e viver a ágape.

Jesus – no Evangelho de João – amplia o conceito da ágape. Esta não deve acontecer só entre as pessoas que compõem uma raça ou um povo eleito (como no caso de Israel), porque sua proposta é missionária. Ele – Jesus – é o articulador da prática provocada pelo sentimento do *agapân*, que deve ser vivida e testemunhada por seus seguidores em outros contextos sociais e culturais. A ágape é uma mística a perseguir, uma atitude de vida que implica em ver no outro a Jesus. Na ágape, Jesus é concebido como uma comunidade de pessoas, cuja felicidade e a plena realização é o face-a-face das pessoas entre si e com Deus[21].

A ágape exige amizade incondicional até a morte (se for preciso – cf. v. 13). A ágape rompe as amarras das dominações e submissões. "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas eu vos chamo amigos" (v. 15). Propõe outra relação entre as pessoas: a amizade que não guarda segredo, a fraternidade que informa e forma; a ágape que motiva a práxis.

Toda a ágape que o Pai revela a Jesus, ele a ensina aos seus amigos (v. 14 e 15) – comunidades compostas por seus seguidores – para que possam vivê-la como o projeto do Pai na missão (v. 16).

20. A forma de amor e de amar no 4º Evangelho é quase sempre *agápe* e *agapân*.

21. DUSSEL, *op. cit.*, p. 28, 29 e 30.

A ágape é o critério da nova aliança revelada por Jesus – para a vida em comunidade.

2.5. Produzir frutos

O que pode esperar uma comunidade de viticultores como resultado do seu trabalho?

No texto – Jo 15,1-8 – está presente a essência da arte de fazer produtiva a videira: "o ramo que não produz fruto ele corta... e queima... o que produz fruto ele poda para que produza mais fruto ainda" (v. 2 e 6).

A videira por si só não tem sentido ou significado. A importância da videira está no fruto que ela produz – resultado do trabalho da comunidade viticultora.

O produto da videira é o vinho. Não se conhecia nenhum método para conservar o suco da uva não fermentado[22]. Nas culturas palestinenses, o vinho era alimento do dia-a-dia, presente nas principais refeições (como nosso feijão com arroz). Nesse caso o vinho era produto da cesta básica, enumerado entre as primeiras necessidades para a vida humana[23].

Nas festas servia-se um vinho bom (cf. Ecl 9,7; 10,19; Sl 104,15; Is 55,1). O vinho era sinal de alegria. Fundamental para festejar o motivo da alegria.

Não é por acaso que o primeiro milagre de Jesus no 4º Evangelho é a transformação da água em vinho, numa festa de casamento (2,1-11).

O vinho está também entre os alimentos que se levavam nas viagens (era parte da matula: cf. Jz 19,19) e nas provisões das tropas de guarnições (2Cr 11,11).

Era utilizado como remédio para desinfetar feridas (Lc 10,34) e recomendado para as debilidades do estômago (1Tm 5,23).

O produto da videira entendido como parte das necessidades básicas da comunidade tinha fundamentalmente dois significados: produzir vida e produzir alegria.

Os versículos 7-17, que são comentários sobre a figura da videira, trazem um detalhe curioso: o centro (v. 11) corresponde à alegria de Jesus e à alegria plena da comunidade (cognominada discípulos), rodeado pelos versículos 9-10 e 12-13 sobre a prática (ou mandamento) da ágape.

A lógica do produto da videira e do produto da comunidade é a mesma: no dia-a-dia da comunidade de pessoas, a ágape deve ser vivida para produzir vida e alegria. "A ágape é uma revolução total: já não há mais nenhuma forma de dominação, mas o serviço voluntário é o princípio que regula a vida do homem novo (e da nova mulher)"[24]. A ágape produz novas relações sociais, cujo fruto é a vida em abundância e a alegria plena.

22. MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 965.

23. "Necessidade" deve ser entendida como uma falta de algo indispensável para a vida: alimento, roupa, moradia, remédio... (cf. DUSSEL, *op. cit.*, p. 130).

24. COMBLIN, José. *Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon*, p. 90.

O que não entra na dinâmica da ágape atenta contra a comunidade... o mal, ou o pecado que destrói a ágape é a negação do outro, a coisificação do outro... isso quando a comunidade é atropelada pela relação do dominador que mata, que violenta, que instrumentaliza o outro... Na nova aliança – cujo critério é a ágape, reconstituição da comunidade negada pelo pecado – toda a dominação ou falta contra o outro é um atentado contra Deus.

A dominação é a anticomunidade que deve ser combatida como o ramo da videira que não produz fruto e por isso deve ser cortado... e queimado (v. 2 e 6). O mal – dominação e escravidão – deve ser combatido e eliminado até suas raízes, para não voltar a germinar e impedir a produção do fruto.

CONCLUSÃO

A verdadeira videira – modelo Jesus – propõe uma forma de vida em comunidade. Nesta forma de vida a consciência coletiva se organiza em torno do "ego eimi", da aliança e da ágape. Ou seja, a comunidade necessita de uma articulação concreta. Os ramos entroncados em Jesus estão em interconexão e devem produzir vida e alegria. Não existe lugar para o cristão individual, solitário.

Outra novidade do "ego eimi" – Jesus – é que toda sua articulação está em torno do outro, do marginalizado – do amigo e não do escravo. O etnocentrismo judeu e o poder econômico do Império Romano ficam relativizados pela insistência da prática da ágape. Aliás, a proposta de Jesus é a não utilização da lei do mais forte e das multidões. A comunidade, o pequeno resto, vive e antecipa o gozo, a saúde, o bom ânimo, a esperança – "amando uns aos outros".

O caminho que Jesus propõe na verdadeira videira indica que o testemunho deve vir despido de individualismos, de complexos de superioridade, de verdades absolutas, de respostas apressadas...

A missão – que ensina o Enviado do Pai – transita lá fora, na periferia, no lugar onde o outro é sujeito das falas, dos desejos, da ação. A missão é conversão – humana e social – pensada a "partir do outro, mas além disso em comunidade".

A missão é aliança, é "reconstituição da comunidade negada pelo pecado". A missão é o "encontro, a solidariedade entre os que suscitam uma nova ordem de serviço, de justiça, de amizade mútua". A missão é colaborar com o fortalecimento da identidade do outro, acreditando no seu futuro específico. A missão deve produzir os frutos da ágape: vida e alegria.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e outros. *Inculturação e libertação*. S. Paulo, Paulinas, 1985.

BROWN, R.E. *A comunidade do discípulo amado*. S. Paulo, Paulinas, 1983.

CEBI, *João 13–17: O livro da comunidade*. B. Horizonte, Cebi, 1986.

COMBLIN, José. *O enviado do Pai*. Petrópolis, Vozes, 1979.

— *Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon*. Petrópolis/S. Leopoldo, Vozes/Sinodal, Coleção Comentário Bíblico, 1986.

— *O Espírito Santo e a libertação*. Vozes, Petrópolis, 1987.

DUSSEL, Enrique. *Ética comunitária*. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Petrópolis/S. Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1982.

JAUBERT, Annie. *El Evangelio según San Juan*. Ed. Verbo Divino, 1985.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. S. Paulo, Ed. Paulinas, 1983.

RUBEAUX, Francisco. *"Mostra-nos o Pai" – Uma leitura do quarto evangelho*. B. Horizonte, Cebi, 1989.

SANTA ANA, Júlio de. *O amor e as paixões – crítica teológica à economia política*. Aparecida, Santuário, 1989.

Genilma Boehler
Casilla de Correo 3140
Fernando de la Mora, Paraguai